

## Histórias de vida de jovens delinquentes: O contributo da investigação qualitativa para a compreensão da Delinquência Juvenil

Rita Conde<sup>1</sup>, Silvana Teixeira<sup>2</sup>

**Resumo.** No estudo do fenómeno da delinquência juvenil predominam os estudos quantitativos, focados na prevalência e na identificação de fatores de risco ou de preditores, sendo escassos os estudos qualitativos. O presente estudo procura colmatar esta lacuna, procurando compreender o fenómeno desde o ponto de vista de quem o vivencia. Assim, analisam-se as histórias de vida de 9 jovens delinquentes que praticaram crimes e que estão institucionalizados num centro educativo, recorrendo à análise temática. O estudo procura compreender se o tema da criminalidade, delinquência e/ou comportamentos desviantes surgem na sua história de vida e de que forma são construídos e que significado lhes é atribuído. Da análise resultou a identificação de cinco temas centrais: em primeiro lugar a família, em segundo lugar o grupo de pares e os relacionamentos, seguindo-se os comportamentos delinquentes, o percurso escolar e a institucionalização. Os resultados indicam que os comportamentos antissociais/delinquentes são, de facto, um dos temas predominantes no discurso, traduzindo-se na maior parte dos casos em experiências partilhadas com os pares, nomeadamente o consumo de substâncias, a prática de crimes contra a propriedade e as ofensas à integridade física. Os remorsos e os sentimentos de culpa surgem associados à descrição dos comportamentos criminais.

**Palavras-chave:** Histórias de vida; Delinquência juvenil; Análise temática; Crime.

### Historias de vida de jóvenes delincuentes: La contribución de la investigación cualitativa para la comprensión de la Delincuencia Juvenil

**Resumen.** En el estudio del fenómeno de la delincuencia juvenil predominan los estudios cuantitativos, enfocados en la prevalencia y en la identificación de factores de riesgo o de predictores, siendo escasos los estudios cualitativos. El presente estudio busca colmar esta laguna, buscando comprender el fenómeno desde el punto de vista de quien lo vive. Así, se analizan las historias de vida de 9 jóvenes delincuentes que practicaron crímenes y que están institucionalizados en un centro educativo, recurriendo al análisis temático. El estudio busca comprender si el tema de la criminalidad, delincuencia y/o comportamientos desviantes surgen en su historia de vida y de qué forma se construyen y qué significado se les atribuye. El análisis resultó en la identificación de cinco temas centrales: en primer lugar la familia, en segundo lugar el grupo de pares y las relaciones, siguiendo los comportamientos delincuentes, el recorrido escolar y la institucionalización. Los resultados indican que los comportamientos antisociales/delincuentes son, de hecho, uno de los temas predominantes en el discurso, traduciéndose en la mayoría de los casos en experiencias compartidas con los pares, en particular el consumo de sustancias, la práctica de crímenes contra la propiedad y las ofensas a la integridad física. Los remordimientos y los sentimientos de culpa surgen asociados a la descripción de los comportamientos criminales.

**Palabras clave:** Historias de vida; Delincuencia juvenil; Análisis temático; Delito.

## 1 Introdução

A delinquência juvenil tem sido estudada, fundamentalmente, através da metodologia quantitativa. Sendo a metodologia quantitativa na sua essência quantificação e dado que o significado atribuído às

<sup>1</sup> Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto, Universidade Lusófona do Porto, Portugal

<sup>2</sup> Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto, Universidade Lusófona do Porto, Portugal

experiências delitivas não é passível de ser mensurado, verifica-se a necessidade de se desenvolver investigação qualitativa sobre o fenómeno.

A literatura indica que o fenómeno tem na sua génese uma enorme variabilidade de factores, experiências e condições de vida que diferem na forma como são vivenciadas por cada jovem em conflito com a lei (Nardi & Dell’Aglío, 2010).

Segundo Estevam (2011, p.109) “esta população converte-se geralmente em alvo de falas alheias, ficando impossibilitada, porém, de manifestar a sua própria fala”. A existência de factores de risco e a acção moderadora ou não dos factores de protecção, por si só, não explica a ocorrência da delinquência, tornando-se essencial “entender o contexto em que esses factores se manifestam” (Nardi & Dell’Aglío, 2010, p.74). Face ao exposto, verifica-se a necessidade de estudos qualitativos sobre a delinquência juvenil que procure contextualizar os comportamentos delinquentes, compreender a forma como jovens os experienciam e significam.

### 1.1 Definição e conceptualização teórica da delinquência juvenil

A definição de “delinquência juvenil” não é consensual na literatura, sendo os termos delinquência e comportamento antissocial frequentemente utilizados como sinónimos. O termo comportamento antissocial é mais abrangente, referindo-se a atos transgressivos ou a violações de normas ou de expectativas sociais que são considerados inapropriados porque causam danos nos outros e/ou à sociedade (Guimarães, 2012). O termo delinquência é uma designação jurídica, referindo-se à transgressão das leis e que implica uma consequência penal ou a intervenção judicial/institucional (Nardi & Dell’Aglío, 2010).

No entanto, apesar desta distinção, verifica-se que não há uma “operacionalização” comum entre os investigadores do termo “delinquência juvenil”, havendo autores que consideram apenas os comportamentos que constituem crime (Burfeind & Bartusch, 2011) e outros que integram todos os comportamentos e/ou violações às normas e expectativas (Kagan, 2004).

Porque a transgressão das normas e expectativas sociais podem incluir uma grande variabilidade de comportamentos que, não necessariamente, criminais, no presente estudo adoptar-se-á a definição mais restrita de Burfeind e Bartusch (2011): *Definition of juvenile delinquency as actions that violate the law, committed by a person who is under the legal age of majority*”.

É de destacar ainda que na literatura existem várias teorias e modelos que procuram explicar o fenómeno da delinquência juvenil, desde os que enfatizam as características individuais, os factores familiares, aspectos socioculturais, até aos desenvolvimentais e biopsicossociais (Burfeind & Bartusch, 2011).

### 1.2 Delinquência juvenil: como tem sido estudada

A delinquência juvenil é uma problemática existente a nível mundial, sendo alvo de estudos de prevalência e incidência – os valores diferem em função da sua definição operacionalização e instrumentos utilizados mas, globalmente, são preocupantes. Destacam-se também vários estudos que procuraram identificar preditores e factores risco associados à delinquência (sobretudo relacionados com a família e a comunidade, mas também com a “personalidade”), assim como a acção moderadora ou não dos factores de protecção.

Ao nível dos factores de risco, os estudos apontam a ausência ou défice nos vínculos sociais e/ou familiares, a violência doméstica, a violência na comunidade, a falta de suporte familiar e social, grupos de pares desviantes, bem como são referidas também características pessoais, tais como

como a falta de empatia e o fraco controlo emocional (Burfeind & Bartusch, 2011). No que toca aos fatores de proteção, também estes se centram na família, na comunidade e nos indivíduos. Ao nível das características pessoais identificam a autonomia, autoestima e inteligência; ao nível familiar destacam a coesão familiar (e.g.: ausência de conflitos e negligência e existência de afeto positivo); e ao nível da comunidade, são referidos os recursos institucionais e o suporte social. O suporte social na família e na comunidade potenciam a integração dos jovens e a criação de oportunidades de desenvolvimento de habilidades pró-sociais (Burfeind & Bartusch, 2011).

No entanto, a identificação de fatores de risco não explica por si só a prática de atos criminais, até porque o impacto que estes atos têm na trajetória dos jovens depende da forma como são vivenciados e significados. Esta componente experiencial e da significação só é possível ser analisada através de metodologias qualitativas.

Em Portugal, grande parte dos estudos realizados são quantitativos, focados na identificação dos comportamentos criminais e nas características sociodemográficas associadas. As diferentes agências tentam também aferir a delinquência juvenil através das estatísticas oficiais, das ocorrências relatadas às autoridades, das medidas socioeducativas aplicadas ou dos casos remetidos aos tribunais. Por seu turno, os estudos qualitativos são mais escassos, procurando contextualizar os comportamentos delinquentes e analisar a significação atribuída às experiências delinquentes - desde o ponto de vista dos jovens e não do sistema.

Assim, dada a escassez de estudos qualitativos em Portugal e não se identificando nenhum estudo qualitativo com jovens do sexo masculino institucionalizados em centros educativos pela prática de crime, consideramos que seria pertinente analisar as histórias e trajetórias de vida destes jovens no sentido de contextualizar a delinquência desde o ponto de vista de quem a vivencia/vivenciou.

## 2 Objectivos e questões de investigação

O presente estudo pretende explorar a trajetória de vida dos jovens institucionalizados, identificar os temas e experiências centrais na sua história de vida, compreender o significado atribuído às suas experiências e de que forma estas podem constranger o modo como se percebem a si próprios e como se projetam no futuro. Mais detalhadamente, a análise será orientada pelas seguintes questões:

- (i) Quais são os temas e experiências centrais que surgem na sua história de vida? Como são significados esses temas e/ou experiências?
- (ii) A delinquência ou os comportamentos antissociais é um tema que surge na sua história de vida? Se sim, que tipos de comportamentos delinquentes são relatados? De que forma? Como os significam?

## 2 Método

### 2.1 Participantes

O estudo incluiu 9 participantes do sexo masculino selecionados de acordo com os seguintes critérios de inclusão:

- Jovens institucionalizados, sob regime fechado;
- Jovens que praticaram crimes contra as pessoas e/ou crimes contra a propriedade;
- Que possuam capacidades cognitivas básicas, no sentido de poderem compreender as questões e elaborar uma resposta;
- Que não tenham sido alvo de intervenção psicoterapêutica;
- Sem sintomas ativos de consumo de substâncias.

As idades dos participantes situam-se entre os 16 e os 18 anos ( $M=18$ ), sendo 7 de raça caucasiana e 2 de raça negra. Dos 9 participantes, 5 possuem histórico de institucionalização na infância e 6 encontram-se sob regime disciplinar, tendo cometido crimes quer contra as pessoas, quer contra a propriedade, enquanto os restantes não se encontram em regime disciplinar tendo cometido “apenas” crimes contra a propriedade. A maioria dos participantes mantém contacto com a família, à exceção de um jovem de raça caucasiana e um jovem de raça negra.

### 2.2 Instrumento

Utilizou-se a *Entrevista sobre a História de Vida para Jovens* (Paiva & Conde, 2014) adaptada do guião da entrevista de McAdams (2008). A entrevista foi administrada individualmente, tendo-se pedido a cada participante que relatasse a história da sua vida, abrangendo todos os tópicos do guião (resumo das principais fases da vida, acontecimentos marcantes, desafios, planos para o futuro, valores e crenças pessoais).

### 2.3 Procedimento

Para aceder aos participantes recorreu-se ao pedido de autorização para recolha de dados no Centro Educativo à DGRSP. Após esta autorização, foi obtido o consentimento informado dos jovens e/ou dos seus representantes legais, garantindo-se o anonimato dos participantes bem como a ocultação/alteração de qualquer relato que possa ser passível de identificação dos participantes. As entrevistas foram realizadas nas instalações do Centro Educativo, com uma duração média entre os 45 e os 120 minutos. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, de modo a salvaguardar-se a integridade dos relatos para posterior análise.

### 2.4 Metodologia de Análise

Utilizou-se a metodologia da análise temática, sob uma perspetiva construcionista social. A análise temática foi seguida tal como indicada por Braun e Clarke (2006), adotando-se o procedimento de codificação indutiva em que os temas identificados estão fortemente ligados aos dados, não se

procurando ajustar a um quadro de codificação pré-existente - data-driven. Recorremos ao *software Nvivo10* para o processo de organização, codificação e interpretação dos dados.

Os temas não são mutuamente exclusivos, podendo codificar-se o mesmo excerto de texto em vários temas, sendo que procedemos às seguintes etapas:

- a) Em primeiro, teve lugar a fase de familiarização com os dados, na qual realizámos (re)leituras dos dados, tendo sido anotadas ideias relevantes.
- b) Numa segunda etapa, construímos os códigos iniciais (elementos dos dados considerados relevantes), organizando os dados em grupos significativos.
- c) Concluída esta fase, realizámos à análise dos diferentes códigos e estabelecemos a relação entre os mesmos, combinando-os para formar temas principais e subtemas, obtendo-se um mapa de temas (cf. anexo).
- d) Numa quarta etapa, procedeu-se à revisão de todos os dados codificados, fazendo leituras sistemáticas dos excertos de texto recolhidos para cada tema, analisando se os temas formavam um padrão coerente.
- e) Por último, redefinimos os temas iniciais, gerando definições claras e nomes para cada tema/subtema, sendo essas designações concisas de modo a proporcionar sentido ao que abordam.

A validação dos resultados constituiu uma outra etapa, no sentido de se assegurar a confiança e credibilidade dos nossos resultados, destacando-se, em particular, o recurso a um co-codificador na análise do material recolhido. Procedeu-se ao cálculo do índice de validade conforme a fórmula apresentada por Vala (1986)  $F = 2 (C1, 2) / C1 + C2$ , dividindo o número de acordos entre codificadores pelo total de categorizações efetuadas por cada um. Obteve-se um índice de fidelidade de 0.85, considerando uma força de acordo substancial.

### 3 Resultados

Com vista a um maior entendimento do estudo em causa, a apresentação dos resultados seguirá a ordem das questões orientadoras

#### 3.1 Quais são os temas e experiências centrais que surgem na sua história de vida? Como são significados esses temas e/ou experiências?

Ao longo das entrevistas, emergiram 5 temas centrais do discurso dos participantes: em primeiro lugar a família, em segundo lugar o grupo de pares e os relacionamentos, seguindo-se os comportamentos delinquentes, o percurso escolar e a institucionalização. Seguidamente, procedemos à descrição detalhada de cada um dos temas, desde o tema mais abordado até ao tema menos abordado, constando entre parênteses o número de fontes e referências a esse mesmo tema.

**Tabela 1.** Principais temas relatados pelos participantes

Temas	Número de Participantes	Referências
Família	8	69
Grupo de Pares/Relacionamentos	7	58
Comportamentos Delinquentes	7	47
	708	

Percurso Escolar	4	29
Institucionalização	8	26

### *Família*

Verifica-se que os jovens foca no seu discurso a família em sentidos completamente opostos, mas alvo da mesma atenção: as vivências positivas (7 participantes; 36 referências) e as vivências negativas (7;35). Relativamente às vivências positivas, estas dizem respeito ao suporte familiar (3;6) e às relações positivas (7;30) que tinham/têm sobretudo com a figura maternal e as fratrias (J1: “a coisa mais importante para mim é a família”); (J3: “Outro ponto alto, não foi bem um ponto alto, mas foi quando tive noção do quanto gostava do meu irmão”).

As vivências negativas remetem para os maus tratos sofridos (3;8), divórcio/desintegração familiar (6;11) e perda/abandono familiar (7;17), destacando-se as duas últimas, que revelam o impacto da desestruturação familiar na vida dos jovens (J1: “foi a separação dos meus pais, tinha 7 ou 8 anos (...) mexeu comigo, era um miúdo irritado, revoltado depois de se terem separado”); (J2: “meu pai, ele nunca estava ao pé de mim”); (J4: “Depois a minha mãe ausentou-se, comecei a fazer asneiras e fui para uma instituição da segurança social”).

### *Grupo de pares/Relacionamentos*

No que concerne ao grupo de pares/relacionamentos, 7 dos 9 participantes dividiram abordam esta temática pelo aspecto negativo e positivo, tal como aconteceu com a família - o que demonstra que são as relações/laços que exercem mais impacto na vida destes jovens, quer no sentido positivo, quer no sentido negativo. Os jovens evidenciam o convívio/relações positivas (7;32) (J4: “quando eu brincava com os meus colegas a fazer cabanas, tinha 9/10 anos. Ainda me lembro deles (...) nessa altura sentia alegria”), seguindo-se das relações amorosas (5;26), negativas (2;3) mas sobretudo as positivas (5;23) que despertaram sentimentos especiais (J3: “Gostei dela, da maneira dela ser, de estar, sempre bem-disposta, andar de skate. Era diferente”), (J7: “O que é que mudou em mim? Então, sei lá, mudou quase tudo (...) foi bom tê-la conhecido”).

### *Comportamentos delinquentes*

Os comportamentos delinquentes surgem como o terceiro tema, focando as consequências negativas - destacam sentimentos de culpa/remorsos (4;5), assim como os danos corporais/agressões sofridas (3;10) (J2: “Agora sinto remorsos, ele também não é rico, não se deve roubar ninguém, mas muito menos uma pessoa pobre que passa dificuldades”), (J7: “fiz um...umas costelas fraturadas”).

Referem comportamentos desviantes nas experiências com os pares, associando-se ao consumo de substâncias (4;9) (J2: “la com um amigo e 4 amigas para casa de outro amigo meu, íamos fumar ganza, fazíamos o marroquino, era sempre a rodar por nós (...) depois saíamos e aí já era diferente, bebíamos shots, absinto, bebidas mesmo fortes”), (J8: “comecei a consumir haxixe”).

No que concerne aos crimes, referem a prática de crimes contra a propriedade (J2: “Uma vez fui passar férias com ele a França, depois quis-me vir embora e ele revistou-me a mim e às minhas malas, eu não gostei disso, então depois roubei-lhe o ouro e vi-me embora”), (J9: “Foi numa manhã, tinha roubado uma mochila cheia de telemóveis a uma equipa de futebol”) e crimes contra as pessoas (J2: “Foi quando roubei o meu pai e quando bati na minha mãe”), (J4: “Andávamos por ai na

rua, encontramos um rapaz, abordamo-lo e correu mal, dei-lhe 4 facadas, foi a coisa mais grave que fiz na vida”).

Por último, as causas apontadas por remetem para a desresponsabilização, isto é, na atribuição da responsabilidade a terceiros e/ou fatores externos (J9: “Podem pensar que foi má, mas quem soube o que se passou, ó, toda a gente me diz que foi um azar que eu ‘tive”), (J8: “Mas foi uma fase má da minha vida, a minha mãe também ‘teve doente e assim, depois, sim, comecei a vender droga e vim para aqui”).

#### *Percurso Escolar*

O percurso escolar é outro dos temas abordado, nomeadamente o absentismo escolar/mau comportamento (4;22) *versus* percurso académico adaptativo (4;7). O absentismo escolar/mau comportamento surge como consequência e/ou início dos comportamentos delinquentes (J1: “Quando não gostava das aulas fazia palhaçadas”), (J7: “Sei lá, o que é que eu fazia...então faltava à escola e ia cometer crimes”). Já o percurso académico adaptativo, tal como o nome indica, diz respeito a um processo de integração e aprendizagem normativo/sem questões de maior (J8: “Depois entrei para o 1º ano, fiz a escola primária, correu bem”).

#### *Institucionalização*

Por último, a institucionalização é o outro tema central. Relatam revolta/processo difícil, verbalizando a dificuldade na aceitação e permanência nas instituições (J9: “Ó, como é que eu lidei, é difícil, mas ainda agora fogo...é difícil lidar com isto, ficar trancado cá dentro, sem ir à rua”), (J3: “Senti raiva, senti que queria estar com a minha mãe o mais que tudo”).

Referem transferências constantes, relatando a instabilidade que resulta das trocas frequentes de instituição (J2: “estava sempre a trocar de lugar, onde vivia, não sabia bem onde estava, estava numa instituição depois ia para outra”), (J4: “comecei a fazer asneiras e fui para uma instituição da segurança social, uma instituição temporária, depois fui para outra instituição, e como me estava a portar mal nessa fui para outra em Castelo Branco, depois vim parar aqui”).

No entanto, reconhecem o papel da institucionalização na sua mudança como sendo uma oportunidade para recomeçar e amadurecer (J8: “Um recomeço, porque eu, sei lá, isto não...eu não levo isto como algo mau que me aconteceu (...) mas agora...não vou dizer “ai isto é melhor do que ‘tar em casa”, mas isto é bom p’ra mim, é outro modo de vida aqui”), (J2: “o ponto alto agora é ter crescido, ter maturidade. Aconteceu quando entrei no centro”).

### **3.2 A delinquência ou os comportamentos antissociais é um tema que surge na sua história de vida? Se sim, que tipos de comportamentos delinquentes são relatados? De que forma? Como os significam?**

Tal como já fora descrito, os comportamentos antissociais/delinquentes são, de facto, um dos temas predominantes no discurso dos participantes. Esses comportamentos traduzem-se, na maior parte dos casos, nas experiências partilhadas com os pares (7:21), nomeadamente o consumo de substâncias associados à integração no grupo e/ou descontração/desinibição (J7: “comecei a entrar num mau ambiente, comecei a consumir haxixe”), (J2: “sentia muita adrenalina, ria-me muito, sentia-me descontraído”) e na prática de crimes contra a propriedade, especificamente furtos (J4: “quando tinha 12 anos, eu e uns amigos roubámos um mp3 no continente”), (J7: “Os mais velhos do meu bairro roubavam os carros e depois eu ia lá e roubava os carros”). Os crimes contra as pessoas são descritos como tendo sido praticados quer em grupo, quer individualmente, principalmente ao

nível das ofensas à integridade física/agressões (J4: “Andávamos por aí na rua, encontramos um rapaz, abordamo-lo e correu mal, dei-lhe 4 facadas”), (J2: “O outro momento baixo foi quando bati na minha mãe”).

Embora se assista a um maior número de referências (3;10) ao nível dos danos corporais/agressões sofridas decorrentes destes comportamentos, verifica-se que 4 dos 5 participantes relatam estes comportamentos associando-os aos sentimentos de culpa/remorsos resultantes (J4: “Nessa altura não sabia o que fazer, não pensava que eu tinha ferido o rapaz, só quando a policia nos apanhou e nos disse que o rapaz estava no hospital é que eu percebi a gravidade da situação”), (J9: “o segurança ‘tava-me a agarrar e de repente, caiu no chão...fogo, foi mesmo...nos primeiros meses que ‘tive aqui senti muitos remorsos sobre isso, dormia mal e tudo fogo, pensava muito nisso”).

#### 4 Discussão

Da análise dos resultados, verifica-se que parece existir um discurso consensual na história de vida destes jovens. A maioria dos participantes falam-nos das mesmas questões em relação aos comportamentos delinquentes, ao percurso escolar, à institucionalização e à projeção no futuro, no entanto são as relações, quer com a família, quer com o grupo de pares, que assumem maior destaque.

A relação/identificação da família é ambivalente, uma vez que esta é significado de amor, união, proteção e segurança e ao mesmo tempo, significado de desproteção, de ausência de amor e afeto, de instabilidade, mágoa, abandono e ressentimento. Segundo Levisky (2002) a rejeição por parte da sociedade, mas sobretudo por parte dos pais e da família, exerce impacto ao nível da construção “de uma identidade positiva, diminuindo o seu autoconceito e aumentando sua autoestima negativa” e Sternberg e colaboradores (sem data) através de um estudo longitudinal, verificaram que “crianças que sofreram algum tipo de violência intrafamiliar apresentaram mais problemas de comportamento ou sintomas depressivos na adolescência” (citados por Estevam, 2011 e Wathier & Dell’Aglia, 2007, p.2). Porém, apesar de se assistir esta ambivalência, a família assume a mesma importância/valorização e é alvo da mesma atenção por grande parte dos participantes quando estes fazem uma retrospectiva da sua vida e se posicionam em relação ao futuro.

Já o grupo de pares exerce um papel crucial na vida destes jovens, mas de uma forma mais ligeira, uma vez que não integram experiências de abandono, maus-tratos ou sentimentos de rejeição como acontece com a família da maioria dos participantes. O grupo de pares surge essencialmente como sinónimo de partilha, de compreensão, de companheirismo, de troca de experiências, enfim uma entidade igualitária, independentemente de ser neste contexto que ocorre o consumo de substâncias e alguns dos comportamentos delinquentes. Para (Garbarino, 1999) a “existência de relacionamentos emocionais positivos é vista como primeiro fator de promoção da resiliência” (citado por Costa & Assis 2006, p.5).

No que toca aos comportamentos delinquentes, assumem tanto crimes contra a propriedade, como contra as pessoas, praticados quer em grupo, quer individualmente. Tendem a não assumir a culpa/responsabilização pelos atos infracionais, atribuindo-a a fatores externos (e.g.: sorte vs. azar). No entanto, verbalizam sentimentos de culpa e remorsos. Para Laranjeira (2007, p.223) as “infrações podem surgir como estratégias de organizar a desordem interior” e frequentemente, advir da necessidade de se afirmar e de alcançar autonomia que “conduz o adolescente ao limite, que tantas vezes leva à transgressão sem expressão patológica.” Considerando que “é a partir das narrativas que constroem as suas experiências, apercebemo-nos como os motivos da transgressão são diversificados e como as jovens se (re) posicionam face a eles” Duarte (2012), estando associados à procura da aventura, do risco e da adrenalina; como resultado da hétero-determinação (causas



externas), mas sobretudo como forma de gestão de emoções e sentimentos negativos relacionados com os maus-tratos, abandonos e institucionalizações, tal como se verifica no presente estudo.

Relativamente ao percurso escolar, este é, para metade dos participantes, sinónimo de absentismo que muitas vezes conduz a práticas de atos infracionais. Estevam (2011, p.166), chama a atenção para a importância da escola, “considerando que a escola um fator protetor e de desenvolvimento de competências, a baixa escolaridade dos adolescentes delinquentes indica que estes são privados de uma série de experiências positivas que a vida escolar lhes poderia fornecer.”

Também os discursos relacionados com a institucionalização são consensuais entre os participantes. Destes emergem as referências aos sentimentos de revolta por serem retirados da sua família, da sua casa e do seu ambiente, assim como os sentimentos de tristeza e ressentimento pelo motivo da institucionalização (maioritariamente associado com a perda/abandono e/ou maus-tratos perpetrados pela família), mas também da instabilidade recorrente das transferências constantes, dificultando o processo de integração e promovendo a confusão e a desorientação. Neste sentido, Xaud (1999), Brasil (2002) e Oliveira (2003) ressaltam o direito dos adolescentes de serem “alvos de políticas de proteção que assegurem o desenvolvimento saudável” (citados por Costa & Assis, 2006, p.75).

## 5 Considerações finais

O presente estudo mostra como é importante o desenvolvimento de estudos qualitativos que busquem a “compreensão e o valor dos comportamentos, no que diz respeito à sua gênese e aos seus fins” Laranjeira (2007, p.225), uma vez que, considerar a delinquência somente a partir dos fatores risco ou protetores “significa ignorar que eles só possuem algum poder de influência porque estão inseridos em uma Rede de Significações coletiva que dá suporte e sustentação para essa influência” (Silva & Rossetti-Ferreira, 2002, p.580).

Através da identificação das experiências e dos significados atribuídos, o trabalho desenvolvido com os jovens será facilitado, quer ao nível da (re)significação positiva/alternativa, quer ao nível da exploração e utilização do potencial de cada um, colocando de parte assunções estigmatizantes como “jovem delincente” que descartam a possibilidade de existência como jovem “comum” ou não delincente, dotado das mesmas oportunidades que os de mais. Por fim, há a destacar que o relato dos jovens indica pontos de intervenção a considerar na sua reintegração social, nomeadamente o foco no planeamento e prossecução de um projeto de vida (a nível escolar e profissional), bem como o investimento em relações positivas e adequadas com a família e pares significativos não desviantes.

## Referências

- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
- Burfeind, J.W., & Bartusch, D.J. (2011). *Juvenile delinquency: An integrated approach*. Sudbury, MA: Jones and Bartlett.
- Costa, C.R.B.S.F. & Assis, S. G. (2006). Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. *Psicologia & Sociedade*, 18 (3), 74-81.

- Duarte, V. (2012). Contextos, discursos e percursos na delinquência juvenil feminina. *Configurações. Revista de sociologia*, (9), 121-133. doi: 10.4000/configuracoes.1148
- Estevam, I. D. (2011). Adolescente em conflito com a lei, resiliência, valores humanos e suporte familiar: um estudo das representações sociais. Dissertação de Doutorado. Universidade Federal do Paraíba/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, João Pessoa.
- Guimarães, J. V. D. C. (2012). Autoconceito, autoestima e comportamentos desviantes em adolescentes. Dissertação de Mestrado. ISPA-Instituto Universitário.
- Kagan, J. (2004). Reappraising T.L.O.'s "Special Needs" Doctrine in an Era of School-Law Enforcement Entanglement. *Journal of Law & Education*, 33 (3), 291-325.
- Laranjeira, C. A. (2007). A análise psicossocial do jovem delinquente: uma revisão da literatura. *Psicologia em estudo*, 12 (2), 221-227.
- McAdams, D.P. (2008). The Life Story Interview. Disponível em: [www.sesp.northwestern.edu/docs/LifeStoryInterview.pdf](http://www.sesp.northwestern.edu/docs/LifeStoryInterview.pdf)
- Nardi, F. L., & Dell'aglio, D. D. (2010). Delinquência juvenil: uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13 (2), 69-77.
- Silva, A. P. S. D., & Rossetti-Ferreira, C. (2002). Continuidade/descontinuidade no envolvimento com o crime: Uma discussão crítica da literatura na psicologia do desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 15 (3), 573-585.
- Vala, J. (1986). A análise de Conteúdo. In A. S. Silva e J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, 101-128. Porto: Afrontamento.
- Wathier, J. L., & Dell'aglio, D. D. (2007). Sintomas depressivos e eventos estressores em crianças e adolescentes no contexto de institucionalização. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 29 (3), 305-314.